

NOSSA VOZ

jornalnossavozcapuerj.blogspot.com

<http://www.leden.uerj.br/jornal/>

Rio de Janeiro – CAP-UERJ - Data 01/08/2022

Fundação: 13/03/2018

Ano IV - n°29

INDICAÇÃO DE LEITURA: CORALINE

Por Laís Santos.



Fonte da imagem:
<<http://podpop.com.br/coraline-por-neil-gaiman/>>

Talvez já tenham assistido ao filme Coraline e o Mundo Secreto (2009), mas e o livro Coraline de Neil Gaiman?

A experiência de ler o livro é distinta de assistir ao filme. O elemento descrição propicia a sensação de estar dentro da obra, imaginar as situações, poder saber os sentimentos e sensações dos personagens, a riqueza dos detalhes e muitas outras características.

A motivação para criação desta obra foi de suas filhas. Neil Gaiman se mudou para Littlemead, na cidadezinha de Nutley, no condado de Sussex, no sul da Inglaterra. Ali foi morar em um apartamento quarto. Porém, segundo ele, era um tanto esquisito. Se utilizando deste cenário, escreveu o livro. Ele sabia que sua filha Holly gostava de histórias assustadoras, com bruxas e meninas corajosas "... esse tipo de história que ela me contava. Então a história que eu criaria para Holly teria que ser assustadora" (pág. 10). E acabou terminando a escrita pela Maddy, sua filha mais nova. O autor descreve: "Eu queria escrever uma história para as minhas filhas que contasse algo que eu gostaria de ter sabido quando era criança: ser corajoso não significa não ter medo. Ser corajoso significa estar com medo, muito medo, mas, mesmo assim fazer o que é certo" (pág. 13).

Portanto, na obra há muito mistério, suspense, e claro, elementos assustadores. Depois da mudança de Coraline para a nova casa, ela descobre a existência de uma porta que esconde segredos. Um outro mundo com pais de pele bem branca e olhos de botões negros. Eles desejam que Coraline fique ali para sempre.

Indico a vocês a leitura de uma história assustadora sobre uma menina corajosa.

Referência: Gaiman, Neil, 1960. Coraline / Neil Gaiman ; ilustração Chris Riddell ; tradução Bruna Beber. - 1 Ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca. 2020.

VEJA NESTA EDIÇÃO	<i>Textos Ficcionalis</i> (pág. 2)	Texto Ficcional e Poema (pág. 3)	Resenha e Poema (pág. 4)
	<ul style="list-style-type: none"> Final Alternativo para Clara dos Anjos – Hilma Ribeiro Texto 1 – Isabela Dias 	<ul style="list-style-type: none"> Texto 2 – Felipe R. Henriques Exaustão Mental – Laís Santos 	<ul style="list-style-type: none"> Os Des Mandamentos de 1956 – Lucca Mascia Está Havendo uma Guerra – Thais D.

ACESSE NOSSAS REDES SOCIAIS PELO SEU SMARTPHONE



Visite nosso Blog



Visite nossa página no Facebook



Visite nosso Instagram

ACESSE ESTA EDIÇÃO EM NOSSO SITE



PROJETO DE EXTENSÃO N° 5529 JORNAL NA ESCOLA Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração – NEPE

Coordenadores: Alexandre Xavier Lima e Angélica de Oliveira Castilho Pereira.

Membros: Thais Duarte (bolsista) e Karine André.

Equipe: Giovanna Campos, Marina Castilho Pereira, Lara Silveira, Nicolle da Silva e Luara Cabral.

Colaboradores: Hilma Ribeiro, Betina, Isabela Diaz, Felipe Ribeiro, Laís Santos e Lucca Mascia.

Nosso e-mail: jornalnossavozcapuerj@gmail.com

FINAL ALTERNATIVO PARA CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO

Por Hilma Ribeiro.



Fonte da imagem: <<https://pixabay.com/pt/illustrations/mulher-afro-lua-silhueta-noite-6065234/>>

Nesta intrigante proposta de redação, partimos de um texto que faz um desfecho completamente diferente para o romance Clara dos Anjos. A autora Esmeralda Ribeiro refaz, com toques de suspense e sobrenatural, uma possível mudança prevista por Lima Barreto. Nossos estudantes do 3º ano fizeram algumas propostas nesse sentido... vejam os resultados superinteressantes, que serão unidos no novo projeto de livro, em homenagem a autores negros.

Acesse o texto inspirador para texto dos alunos pelo QR code:



Texto 1: Isabela Dias Ferraz, turma 3B

Enquanto Clara aguardava sua vez de liberdade, mantinha seus braços tensos ao lado do corpo, evitando assim qualquer aproximação de seu ventre. Não queria sentir aquilo dentro de si, não conseguia nem ao menos chamar de quem, mas o que. Era uma maldição, a prova do papel de tola que a impuseram. A sua volta via mulheres desoladas, abandonadas, mulheres que assim como ela, não eram ninguém para o mundo.

Sentindo-se cada vez mais aprofundada em sua bolha escura de pensamentos intrusivos, injustas autoacusações e inseguranças, alguém a estoura pelo simples ato de sentar-se ao seu lado. Respira fundo tentando manter a calma, quando a estranha chama sua atenção.

— Não se preocupe, isso vai acabar logo.

Quando realiza que tinha uma lágrima perdida em seu rosto, Clara opta por virar o rosto ao invés de secá-la, para não deixar a outra deduzir que estava a chorar. Queria convencer a todos e a si mesma de que poderia passar por aquilo sem sinais de fraqueza, tentando se desfazer da imagem de menina indefesa que ainda guardava de si e a atormentava. Empurra saliva por sua garganta evitando

vestígios de falhas na voz e compartilha um pouco de seus pensamentos.

— E se não acabar? E se eu não conseguir me perdoar? Sem um piscar de hesitação, como se fosse uma ofensa pessoal, a mulher retruca.

— Bom, em primeiro lugar, o homem que contribuiu se perdoou?

— Ele não precisa se perdoar, nem conhece o que é culpa.

— A culpa não é nada mais do que um termo religioso, criado para nos fazer temer o inferno e medir nossas ações. Me diz, menina, por que você está aqui sozinha carregando toda essa culpa?

— Todo o caminho que eu segui pra chegar aqui, um pequeno erro atrás do outro e nada que eu vivi poderia ter me preparado pra esse momento aqui... E o que eu vou fazer agora, eu nunca pensei que teria que fazer e não sei como vou passar a me ver depois disso. Ainda mais quando me lembro do que aquele homem fez comigo sem nenhuma hesitação.

— Vou te interromper por aí, criança. O que quer que ele tenha feito, não tem nada a ver com sua pessoa. E o que você vai fazer pode ser uma marca da ausência de amor dele, mas uma prova do seu próprio.

Agora com os pensamentos em branco, aberta aos conselhos daquela completa desconhecida, Clara a encara com sua feição confusa.

— Como vir para esse lugar pode ter qualquer coisa a ver com amor-próprio?

Com o acolhedor contato visual, a mulher sorri com a ingenuidade da jovem, soltando um curto riso anasalado.

— É simples, tudo sobre respeito. Você se ama e se respeita o suficiente para reconhecer seus limites, está dando o próprio rumo da sua vida. Sabe o que não vai te trazer saúde ou felicidade e está se protegendo. Isso é amor.

Após um curto período de introversão, preenchido pelo som de conversas externas, Clara se apoia em seus joelhos e pondera.

— Não, eu não acho que eu me ame assim não. É só... Sobrevivência. Eu pensei que ele me amasse, como ninguém nunca amou. Mas eu caí na realidade que não sou ninguém.

— Como pode não se amar, quando você é a maior guerreira lutando pela sua vida?

As palavras passeiam pelo imaginário da menina, que se fantasia como uma forte sobrevivente. A linha de pensamento é cortada por uma terceira, que se aproxima

em silêncio. A mulher de palavras bonitas se levanta e a acompanha, mas não pega sua bolsa antes de deixar seu último recado.

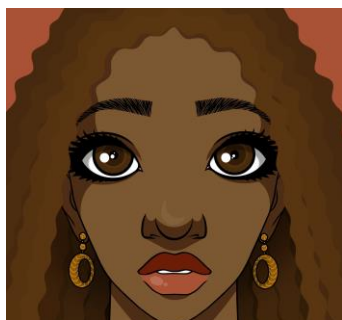
— Olha, eu vou te dar um conselho. Você está com medo de que isso acabe, mas não deixe seu corpo por completo. Para você seguir em frente, você deve matar o homem que fez isso com você.

A mente literal da jovem a deixa alerta e assustada com aquela forte imposição.

— Como?

— Pode demorar um tempo, mas um dia ele não passará de um fantasma, querida. Quando cada parte dele morrer dentro de você, tudo que você terá são experiências e aprendizados. Não será fácil, mas você tem que matar dentro de você tudo aquilo que lhe impede de se amar o suficiente. Se amar o suficiente para se priorizar em momentos como esse.

Assim, sem saber o nome uma da outra, elas se despedem. Uma interação imprevisível e um aprendizado que levará muito tempo para de fato ser aprendido. Mas agora Clara não temia o espelho, ela o abraçava.



Fonte da imagem:
<<https://pixabay.com/pt/illustrations/mulher-rosto-afro-pele-negra-7028323/>>

Texto 2: Felipe Ribeiro Henriques, da 3D

Final feliz

Estava no horário de ir para o ginásio. Peguei minha mochila e fui para a escola. Não havia ninguém na escola. Aproveitei e fui pegar algumas coisas que a mãe tinha comprado pra mim. Deu-me um pacote de roupa. Quando voltava pra casa da vó, fui interrompida por uma senhora gorda. Aparentava muito Cassi Jones. Ela cruzou meu caminho e ficou na minha frente. Ela parecia com raiva, porém com um destino certo. Ela me perguntou sobre se eu seria a moça à qual tinha se relacionado com seu filho. Na hora não entendi muito bem, mas depois entendi do que se tratava. No mesmo momento esperei pelo pior, já logo pensando que dependendo de como se seguisse o rumo da conversa poderia acabar em sangue e o meu que não seria!

Ela se acalmou e com um ar de desabafo começou a falar sobre tudo o que o cafajeste havia feito. Sobre todos os golpes que ele havia feito e como estava farta de ter de

conviver com aquilo. Na hora só podia pensar no quanto queria acabar com ele e percebendo isso a senhora segurou minha mão e disse que tinha um plano. Chamamos todas as mulheres da cidade e nos unimos em prol de todos os sujeitinhos como ele que já infernizaram nossa vida. Assim a Janaína, aliada do plano, seria nossa peça principal pro plano.



Fonte da Imagem:
<<https://pixabay.com/pt/illustrations/áfrica-mulher-africana-preto-4136601/>>

Janaína, com seus dezesseis anos de idade, belíssima com seus cabelos longos e olhos castanhos claros, não seria ela a isca perfeita? Dito e feito, só foi espalhar uns boatos de como era graciosa e pura que o garanhão já quis ir pra cima. Depois de cair no canto da sereia, Janaína o chamou para namorarem em um suposto barraco que tinha ali no meio da escuridão da noite. Tolo ele qual não percebeu que uma das paredes era feita de madeira, que estava solta. Assim que o canalha se despiu Janaína deu um sinal e assim derrubamos a madeira e ele ficou exposto, nu no meio de todos, qual estavam ao redor com tochas para iluminar sua vergonha. Todos riram do mesmo e quando o imprestável tentou fugir, foram com pedras e paus bater nele até que sobrassem poucos os ossos que ainda não tinham sido quebrados. E assim o infeliz fugiu assim que se deu por si e nunca mais deu as caras. Mas a questão que fica é como conseguiu fugir naquele estado.

EXAUSTÃO MENTAL

Por Laís Santos.

Lugar-comum na atualidade
Piloto automático, anestesia
Sobrecarga de trabalho
Cansaço

Rotina puxada
Dores de cabeça
Visão difusa ao seu redor
Cansaço



Privação de convívio social
Falta de interatividade
Necessidade de ócio
Muito cansaço

Fonte da Imagem: feita por **pch,vector**. Disponível em **freepik** pelo link: encurtador.com.br/klwY0

Lugar de culpa
Crença em estar falhando
Tenha autocuidado
Força!

OS DEZ MANDAMENTOS de 1956

Por Lucca Mascia.

Sinopse: Moisés foi criado como um egípcio, mas descobre sua herança hebraica e ouve o chamado de Deus, descobrindo que tem a missão de libertar os hebreus, mas isso envolve uma batalha contra o faraó Ramsés.

Reflexão: o filme tem um roteiro interessante e é demorado para mostrar cada pequeno detalhe. Por conta do filme ser antigo tem alguns efeitos visuais bem ultrapassados hoje em dia, porém, na época ganhou o Oscar por ser bem revolucionário.



Fonte da imagem:
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moisés_e_os_Dez_Mandamentos.ipa>

Elenco:

Moisés - Charlton Heston, conhecido por fazer o papel do personagem Judah do filme Ben-Hur (1960);

Ramsés - Yul Brynner, conhecido por fazer O rei e eu, de 1957, e ganhar o Oscar de melhor ator;

Séfora - Yvone de Carlo, uma atriz canadense que fez carreira em Hollywood, conhecida por fazer os Dez Mandamentos;

Nefretiri - Anne Baxter em 1947 ganhou o Oscar de melhor atriz coadjuvante por interpretar a personagem Sophie MacDonald;

Josué - Jhon Derek foi um ator, produtor de cinema e cineasta norte-americano, conhecido por atuar em os Dez Mandamentos.

Coisas a mais: O filme teve um orçamento de 13 milhões de dólares que atualmente é pouco para um filme desse tamanho, mas para a época era muito.

Prêmios: Teve sete indicações, incluindo a de melhor filme, mas só ganhou o de melhor efeitos especiais.

ESTÁ HAVENDO UMA GUERRA

Por Thais Duarte.



Fonte da imagem:
<<https://pxhere.com/pt/photo/490117>>

Está havendo uma guerra
Uma grande, grande guerra!
Tão longe daqui
Do outro lado do globo
Mas tão perto.

Está havendo uma guerra
Sangrenta, violenta, perturbadora
Mas estamos vivendo como
se nada estivesse acontecendo.
Nós falamos, ouvimos, discutimos
Opinamos, nos informamos,
Nada fazemos.
Nada podemos fazer.

Está havendo uma guerra.
Uma guerra das que só vimos em filmes
Irreal demais!
Parece mentira
Ficção, invenção da oposição, fachada.
Mas está havendo uma guerra.

Uma guerra sem tamanho
Que não se pode descrever
Pra quem tá lá, do outro lado do mundo,
em um país que não conhecemos,
com uma língua diferente
Cultura que não é da gente
Mas que tem povo semelhante,
Ser humano de carne e osso
Exatamente como você e eu.

Está havendo uma guerra!
Uma guerra de verdade!
Falar nela é só um detalhe.

FAÇA PARTE DO JORNAL NOSSA VOZ

A equipe do jornal Nossa Voz se reúne às terças-feiras, das 15h às 16h. Nossos encontros ocorrem na sala 307-C.

Para participar, basta ter curiosidade e vontade de compartilhar suas descobertas!
Envie-nos seus textos por e-mail ou pergunte ao seu professor de Língua Portuguesa como publicar seu texto no jornal.

Nosso e-mail: jornalnossavozcapuerj@gmail.com

